



Relatório individual de observação

Agrupamento de Escolas de Aveiro

Na primeira abordagem ao contexto o grupo teve oportunidade de se reunir com a Professora Celeste, coordenadora pedagógica do 1º Ciclo que orientou as nossas visitas ao agrupamento. Começamos por observar uma aula do 3º ano do 1º ciclo da Glória que neste momento se encontra integrado no espaço da EB 2,3 João Afonso de Aveiro. O que mais sobressaiu neste contexto foi a relação professora-alunos e vice-versa. A professora fazia com que as crianças se sentissem calmas sem necessidade de gritar ou falar alto mesmo tendo musica de fundo, criando um ambiente bastante acolhedor. A mesma referiu que na sua opinião primeiro estabelece-se uma boa relação entre os membros da sala de aula e só depois a pedagogia funciona. Cada sala tinha um computador, no entanto o daquela sala estava avariado mas havia outro tipo de meios tecnologicos como rádio e projector. Era notório que estes alunos pertenciam a um grupo socio-económico elevado, bastante diferente do que observamos num outro contexto na escola de Santiago. Comparando duas realidades completamente diferentes temos o jardim-de-infância de Santiago com crianças maioritariamente do bairro em que mesmo sendo crianças amorosas, totalmente á vontade com a nossa presença e com uma ligação afectiva quase imediata conosco, são crianças um tanto mais agitadas, mais barulhentas com uma certa dificuldade em respeitar espaços. Havia uma diversidade cultural maior, havia crianças de etnia cigana, negros, chineses e guineenses. Mais tarde fomos visitar a EB1 das Barrocas, meio socio-económico mais elevado onde os alunos eram mais calmos, menos ligados afectivamente, quase nem se incomodavam com a nossa presença. Eram totalmente o oposto das referidas anteriormente dado que eram crianças caladas que no intervalo brincavam ou em pequenissimos grupos na terra batida do pátio ou sozinhas mas não se ouvia barulho nem havia agitação. No Pré-escolar das Barrocas havia um computador por sala com acesso á Internet utilizado pelos alunos para jogar ou realizarem pesquisas, normalmente com a supervisão da educadora ou de uma criança mais velhas. Estes computadores eram oferecidos pelos pais bem como muito outro apoio financeiro para a escola poder comprar materiais visto que o Ministério da Educação só dá 160 € por sala.

Ainda nas Barrocas pudemos visitar a Unidade de Multideficiência, única unidade ao nível do 1º ciclo no Agrupamento de escolas de Aveiro que integra crianças com programas especiais que podem ou não estar inseridos numa turma comum. Eu pessoalmente que tinha interesse em conhecer esta realidade fiquei um pouco chocada com a dificuldade em trabalhar com estas crianças embora só tenhamos estado uns minutos com elas. Depois de reunir com as professoras responsáveis pela Unidade cheguei á conclusão que provavelmente é necessário mais do que pedagogia, é necessário aptidão/vocação nesta área devido ao desgaste não só físico como emocional. De todos os contextos acho que este foi o que me permitiu dizer de forma claro “Não é isto que quero”. Trabalhar com crianças não é só recebe-las ao início do dia, despejar informação e devolve-las a casa, é necessário conhecer e trabalhar em função das suas vivências além da escola para que os possamos tratar com dignidade e não como objecto de trabalho. Assim sendo com estas crianças é demasiado difícil perceber até onde podemos ir visto que mesmo conhecendo-as bem, a sua forma de se expressar nem sempre é clara e esclarecedora. Talvez um dia até possa mudar de opinião consoante a minha maturidade mas para já é mesmo uma experiência que não quero viver. A Unidade não tem todos os materiais que gostariam de ter apenas uma sala especial onde os alunos podem descansar até porque muitas vezes o motivo da agitação dos mesmos deve-se essencialmente a falta de descanso.

A conclusão que tirei destes dois dias de observações nos diferentes contextos foi que por mais que os professores e educadores queiram utilizar as tecnologias e preparar as crianças para o futuro nem sempre isso é possível da melhor forma devido á falta de apoio do Estado tendo muitas vezes o apoio financeiro de partir dos pais como no caso das Barrocas. É notória a vontade e empenho dos profissionais de educação na utilização dos meios tecnológicos não só computador como rádio, projector e televisão mas acima de tudo na noção de que os alunos precisam manter contacto com estes meios de forma a que futuramente a aprendizagem potenciada pelas tecnologias seja algo bem presente nos métodos de ensino das nossas escolas.

Por último gostei bastante de visitar estes contextos tão diferenciados tanto a nível socio-económico como a nível de ensino dando-me a oportunidade de deixar um pouco mais claro o ramo na qual me quero formar, se possível que é ensino Pré-escolar e 1º Ciclo.